

Hábito e Criatividade: relações possíveis

Stela Maris Sanmartin

Maria Augusta Nogueira Machado Dib

resumo

O objetivo deste artigo é propor reflexões entre Hábito e Criatividade a partir de referências teóricas diferentes como a semiótica de C. S. Peirce e a teoria da criatividade de A. Koestler.

Palavras-chave: Hábito, Mente, Criatividade, Bloqueios Psicosociais, Tipos Psicológicos.

abstract

The aim of this article is to propose reflections between Habit e Creativity from different theoretical references as the semiotics of C.S. Peirce and the theory of creativity of A. Koestler.

Keywords: Habit, Mind, Creativity, Social/Psychological Blockade, Psychological Types.

Foi o tema de Hábito na obra peirceana' proposto para a 11ª Jornada do Centro Internacional de Estudos Peirceanos (CIEP) e 4º Advanced Seminar on Peirce's Philosophy and Semiotics, que nos levou à reflexão da pertinência e importância deste conceito na sua integridade e na sua ambigüidade. Se por um lado, Hábito, como um princípio de operação da lei mental como necessário à própria constituição da vida e sua continuidade, por outro e ao mesmo tempo, nos chama a atenção como muitas vezes serão estes mesmos hábitos, tão necessários à sobrevivência, aqueles que poderão exercer uma função bloqueadora a criatividade. Como se no Hábito convivesse o paradoxo de ser necessário à vida tal qual ele se apresenta, e ao mesmo tempo trazer em si, a insistente presença da lei, ou hábito cristalizado como impedimento ao surgimento do novo.

Na 7ª das oito da série de palestras das Cambridge Conferences pronunciadas por Charles Sanders Peirce em fevereiro e março de 1898, com publicação no 7º volume, livro III, capítulo 3º dos seus *Collected Papers*, sobre sua concepção de Hábito¹ quando explanando a respeito do fenômeno da associação das idéias, encontra-se:

- a ocorrência repetida de uma idéia geral e a experiência de sua utilidade resultam na formação ou fortalecimento de uma concepção.
- o resultado da ocorrência repetida de uma idéia geral, isto é, o resultado da coocorrência de uma idéia e de outras que são trazidas à consciência.
- não só a reiterada coocorrência ajuda a consolidar uma associação de idéias por contigüidade, a experiência de que a combinação das idéias tem conseqüências significativas é outro fator que exerce importante papel na realização da associação e fortalecimento da concepção.
- há dois tipos de associação: por semelhança, por contigüidade.
- o primeiro tipo se dá por uma disposição natural da mente, uma vez que a associação causa a semelhança, a mente humana atribui valor particular e dá mais ênfase a algumas semelhanças, e porque quando uma qualidade é trazida vividamente à consciência, outras terão imediatamente sua vivacidade aumentada.
- há uma lei da ação das idéias. Uma grande lei da mente, a tendência generalizante, a lei de associação, a lei de aquisição de hábito.

- as leis do universo formam-se sob a tendência universal de todas as coisas para a generalização e aquisição de hábitos.

Maria Lourdes Bacha (2002: 293-296) "*A Indução de Aristóteles a Peirce*", nos chama a atenção para o *The Architecture of Theories* CP 6.7-6.32 de 1891, onde Peirce afirma que entre os princípios da lógica que tem aplicação na filosofia, estão as concepções de primeiro, segundo e terceiro. Acaso é Primeiro, Lei é Segundo e Tendência a adquirir Hábitos é Terceiro, e ainda, Mente é primeiro, Matéria é segundo e Evolução é terceiro. Mas estas concepções também podem ser aplicadas às outras ciências, como por exemplo: na Psicologia – Sentimento é Primeiro, Sentido de Reação é Segundo e Concepção Geral é Terceiro ou, na Biologia – a idéia de Probabilidade (Sporting) é Primeiro, Hereditariedade é Segundo, e o Processo no qual os caracteres se tornam fixos é Terceiro (CP 6.32 de 1891).

Trazendo a questão para o universo delimitado através da observação cotidiana quanto à conduta humana de uma forma mais geral, e em situações de processos de criação de uma forma mais específica, cabe neste momento, distinguir os termos criatividade e criação.

Na perspectiva da artista Fayga Ostrower (1995: 217-220) *Acasos e Criação Artística*, embora interligadas, criatividade e criação implicam estados mentais diferentes. A criatividade está no potencial de cada um incluindo todas as vivências do sensível, num amplo leque abrindo-se do sensorial ao intelectual, vivências que levam a compreensão de ordenações dinâmicas. É um potencial que aprofunda nosso raciocínio consciente, ligando-o ao intuitivo e que permite agirmos criativamente. Manifestam-se nas pessoas através de certas inclinações, interesses e aptidões. As inclinações surgem espontaneamente, podendo voltar-se para as artes, para as ciências sociais e humanas, para os muitos campos da pesquisa científica ou da tecnologia. É preciso a pessoa crescer, desenvolver-se e atingir sua

maturidade, revelando suas forças íntimas na maneira de enfrentar certas situações de vida e dentro deste contexto existencial se revelará sua sensibilidade e seu verdadeiro potencial criador, que é mais do que uma questão de talento. A realização das potencialidades criativas de uma pessoa envolve, portanto, um caminho de vida, cujas etapas não podem ser queimadas; elas têm que ser vividas. Como em Peirce, se o momento da criação pode ocorrer como um primeiro, tal criação só se completará se ainda passando pelo segundo e chegando ao terceiro (três categorias do pensamento que raciocina: abdução, indução e dedução)

Ostrower (Op. Cit.) trata da criação em arte, no entanto, consideramos absolutamente pertinente ampliarmos a reflexão por acreditarmos que a criatividade fundamental gera a possibilidade de romper padrões na proposição de novos conceitos em todas as áreas do conhecimento.

Consideração feita, e retomando Ostrower apresenta criação como escolha que se dá em atos concretos, análoga à deliberação, em Peirce, a especificidade da ação criativa origina-se nas diversas 'matérias' com que se se lida; as 'matérias' podendo ser de natureza física ou psíquica: ferro, vidro, cores, sons, gestos, ou também idéias ou relações humanas. Estas matérias vão ser transformadas pela ação do homem. Quando, no próprio processo de criação, o artista passa da imaginação para a realização da obra, das idéias para a ação, ele não traduz simplesmente formas imaginadas. Ele lida com formas diferentes, pois elas se referem a matérias e realidades diferentes. A imaginação e a ação, embora entrelaçadas no trabalho criador, ainda assim representam dois modos de ser distintos, dois ângulos do ser, cada qual com seus limites, suas possibilidades e impossibilidades. Sempre o realizado será diferente da intenção. É aí que entram os acasos. Acasos atraídos pelas intenções do artista. É importante imaginar, pois nos vãos da imaginação o criador especula sobre certas formas e possíveis ordenações – sem isto, jamais

daria um primeiro passo para realizar algo. Porém, as decisões que perfazem o processo criador não pertencem ao âmbito da imaginação. Elas só podem surgir através do fazer concreto, com linguagem específica e opções diante de fatos reais. Novamente a aproximação com o primeiro, o segundo e o terceiro, em Peirce. Há que se ter tal relação triádica em uníssono ocorrendo, para que a ação criativa se complete.

A distinção que Ostrower propõe como fundamental entre o caráter geral da criatividade e o caráter específico dos atos de criação aparecem em Ivo Assad Ibri (1992: 95-119) *Kósmos Noetós*: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce, que nos chama a atenção para o quanto em Peirce: 1.O Hábito está relacionado à generalização, a uma lei fruto de uma historicidade de associações, a uma regra, a uma descrição de uma tendência de conduta. 2. Assim como entender também que toda ação é pensamento feito concreto que envolve um propósito racional que é meio através do qual a unidade do pensamento se definiu e se existencializou, sendo esse pensamento um fenômeno universal mediatizado pela experiência e necessitado de um mundo sob princípios de ordem como condição de possibilidade. 3. O que não é matéria de experiência não é nada, não existe, pois a lógica metafísica peirceana aponta para a relação necessária entre geral e particular onde o geral e o universal aparecem na experiência particular, individual. Até mesmo “a dúvida genuína não pode ser criada por um mero esforço de vontade, mas deve estar circunscrita pela experiência” (CP 5.498).

Será por esta relação necessária entre geral e particular tão prezada pelo idealismo objetivo de Peirce, seu realismo, e partindo do pressuposto de que os seres humanos são particulares que participam do geral universal, e, portanto, estão regidos pelas mesmas leis, que o presente artigo/comunicação convida, pois, a uma reflexão sobre aqueles hábitos considerados bloqueadores à criação humana e sua crença na possibilidade de quebra destes hábitos bloqueadores, como necessária ao processo de criação individual. O que em Peirce “Significando por mudança de hábito uma modificação das tendências de uma pessoa para a ação, resultante de experiências prévias ou do exercício prévio de sua vontade ou atos, ou de um complexo de ambas as espécies de causas”. (CP 5.476).

Nas palavras de Peirce explanando sobre seu próprio Pragmatismo, que ele o preferiu Pragmaticismo, evidente está a correlação necessária e contínua entre pensamento e ação, e vice-versa. “Pois dizer que vivemos para o mero objetivo da ação, enquanto ação, desconsiderando o pensamento que ela veicula, seria o mesmo que dizer que não há propósito racional” (CP 5.429). No Pragmaticismo peirceano, pois, “... “prático” quer dizer apto a afetar a conduta, e “conduta”, ação voluntária que é autocontrolada por deliberação adequada” (CP 8.322). “Mas no que consiste o caráter intelectual da conduta? Claramente na harmonia aos olhos da razão, isto é, no fato de que a mente ao contemplá-la, nela encontrará harmonia de propósitos. A racionalidade de um pensamento reside em sua referência a um futuro possível”. (CP 7.36). E aqui já nos remetemos enquanto nos adiantamos, à questão da necessidade da presença da dúvida quanto à crença implícita no hábito passível e possível de mudança. Há que se experimentar uma desarmonia aos olhos da razão para que uma brecha seja aberta à modificação do hábito já instalado e criação de novo hábito.

Refletindo as palavras acima de Peirce, vemos nelas contida a correlação entre pensamento racional e recomendação ao pensamento futuro, contemplação da conduta pela mente e harmonia de propósitos no futuro possível. No Pragmatismo de Peirce, conforme nos diz Lauro Barbosa da Silveira (2007: 130-132) Curso de Semiótica Geral, o pensamento é ação criadora e um verdadeiro hino à reconciliação universal, “a criação do universo, (...) que prossegue hoje e nunca termina é o próprio desenvolvimento da Razão”... a Razão, como ideal de conduta, assume todo o conhecimento, por mais particular que seja, nesta tarefa de criação do universo.

Tarefa esta que é continuada por este universo criado, condição implícita no conceito de sinequismo de Peirce, o movimento continuum evolucionário que por si mesmo pede a criação continuada de novos hábitos, e que evidencia a correlação de dependência das três categorias, em ordem inversa, ou seja, onde há a terceiridade, é porque houve a segundidade e a primeiridade.

Feitas as considerações acima, passemos a outras afirmações peirceanas que nos auxiliarão na condução da reflexão proposta na presente comunicação, para esta Jornada. “... nossas crenças guiam nossos objetivos e moldam nossas ações. O sentimento de crença é uma indicação

mais ou menos certa de que se estabeleceu em nossa natureza algum hábito que irá determinar nossas ações. A dúvida nunca produz tal efeito.” (CP 5.370-371). “... a crença não nos faz agir de imediato, mas nos coloca em condições de nos comportarmos de certo modo quando surge a ocasião. A dúvida não produz, sequer minimamente tal efeito, mas estimula-nos a investigar até que ela seja destruída.” (CP 5.373). “A essência de uma crença é o estabelecimento de um hábito; e crenças diferentes são distinguidas pelos diferentes modos de ação a que dão origem.” (CP 5.398). (citações de Peirce retiradas Ibrri (1992: Op. Cit.) Estaria Peirce, com estas palavras acima, nos conduzindo ao entendimento de que, a essência de uma crença é o estabelecimento de um hábito, e considerando que hábito enquanto repetição incessante da lei bloqueia a possibilidade do novo, então estaria na própria ação das crenças estabelecidas de hábitos, a possibilidade de algumas delas provocarem tais referidos bloqueios? Seriam então essas crenças que deveriam ser quebradas instaurando a dúvida e conseqüentemente o estabelecimento de novos hábitos criadores?

Cabe, neste momento, apresentarmos as dimensões que orientam as definições e investigações em criatividade. George F. Kneller (1978:15) *Arte e Ciência da Criatividade*, diz que a criatividade pode ser considerada do ponto de vista da pessoa que cria, isto é, em termos de fisiologia e temperamento, inclusive motivação, atitudes pessoais, hábitos e valores; por meio dos processos que o ato de criar mobiliza (percepção, conhecimento, pensamento, procedimentos); em função de seus produtos (teorias, invenções, obras artísticas), e ainda pelas influências ambientais e culturais sobre as dimensões anteriormente apontadas, quais sejam, pessoa, processos e resultados.

Kneller (Ob.Cit: 55-61) apresentando teorias psicológicas sobre a criatividade cita Arthur Koestler (1964) em O Ato de Criação que tenta integrar as descobertas de várias disciplinas numa única teoria da criatividade. Nesse livro, corajoso por

suas idéias e profusamente documentado Koestler (Ob. Cit.) procura sintetizar sua própria teoria da criatividade, tal como esta se revela no humor, na arte, na ciência. Sua tese central afirma que todos os processos criadores participam de um padrão comum, por ele chamado de “bissociação”, que consiste na conexão de níveis de experiência ou sistemas de referência. No pensamento criador a pessoa pensa simultaneamente em mais de um plano de experiência garantindo uma nova conexão, ao passo que no pensamento rotineiro ela segue caminhos usados por anterior associação.

“Toda atividade criadora pressupõe uma estrutura de hábitos ordenados de pensamento e comportamento, que dão coerência e estabilidade, mas não deixam lugar para inovação. Segundo Koestler (Op.Cit.), todo padrão de pensamento ou comportamento (que ele denomina “matriz”) é governado por um grupo de normas (ou código), que tanto pode ser aprendido quanto inato. Ao mesmo tempo, tem ele uma certa flexibilidade, podendo por isso reagir a uma gama de circunstâncias. “Os hábitos são o núcleo indispensável de estabilidade e comportamento ordenado; manifestam ainda tendência para tornar-se mecanizados e reduzir o homem à condição de automação condicionada. O ato criador, estabelecendo conexão entre dimensões de experiências antes não relacionadas, permite-lhe atingir um nível mais alto de evolução mental. É um ato de liberação – a derrota do hábito pela originalidade” (Koestler apud Kneller, 1978:56).

Quando reagem entre si duas matrizes de percepção ou raciocínio, independente, o resultado é ‘ou uma colisão que resulta em riso, ou fusão delas em nova síntese intelectual, ou ainda confrontação numa experiência estética.

Sustenta Koestler (Obra. Cit.) que este conceito de matrizes e códigos, de padrões organizados de atividade que mostram ao mesmo tempo estabilidade e flexibilidade, é aplicável não apenas às estruturas psicológicas que chamamos

de ‘contextos associativos’, ‘estruturas de referência’, ‘fios de pensamento’, e semelhantes, mas também a toda espécie de atividade manifestada na vida orgânica – perceptivas, cognitivas, motoras etc. Um músculo reage seletivamente a padrões específicos de excitação; os cromossomos podem variar conforme leis estabelecidas em relação a eles; os circuitos nervosos responsáveis pelo pensamento verbal seguem determinadas regras, mas podem ser interrompidos e reformados. Essas matrizes governam, com seus códigos, tudo quanto acontece num homem desde a respiração de suas células até a forma de sua assinatura, e semelhante tudo aquilo que ocorre em qualquer outro organismo.

Para que a criação ocorra, a pessoa criativa há de ser ‘perturbada’ por um situação que não consegue manobrar. A dúvida, segundo Peirce, ou desarmonia no estado de crença estabelecido. O cientista, por exemplo, tem de ser dilacerado por fatos que não consegue explicar, o artista por emoções que ele não consegue exprimir pelas convenções artísticas pelas quais está acostumado. A pessoa criativa regride a uma região menos consciente, menos diferenciada de sua mente, na qual possa gerar a solução para seu problema, admitindo-se que a criação mental produza algo realmente novo.

Considerando que a transformação também pode tornar-se um hábito (Kevelson (1998). *Peirce’s Pragmatism: the Medium Method*) – tal qual um “processo semiótico de criação de significado”, agora de novos significados, considerando que tudo no universo está em contínuo processo semiótico, postulamos uma posição otimista quanto à possibilidade de uma interferência ativa nos processos mentais humanos, que por sua vez, advém de processos físicos e psíquicos, para uma transformação de hábitos bloqueadores à criatividade em hábitos facilitadores à criatividade. E aqui a inclusão da mudança de hábito, como estado potencial, no próprio hábito. Todo hábito traz em si um estado potencial de possibilidade para sua mudança, podendo ocorrer ou não esta mudança.

De acordo com Silveira (2007) Op. Cit., “representar o real e atuar sobre ele no futuro, quando a ocasião permitir, são para Peirce dois aspectos inseparáveis do conhecimento e do pensamento. Por isso mesmo, o proceder intelectual encontra seu sentido na medida em que cria um hábito

de conduta que facilite a interação com o objeto que se quer conhecer... Para Peirce, não há lugar para um pensamento totalmente desinteressado, pois nenhum ser a ele procederia por total falta de motivo. O pensamento não se impõe compulsoriamente, mas é exercitado como um determinante da conduta em vista de um objeto desejado. O pensamento é sempre aprendizagem na apreciação atenta do diagrama e, jamais uma imposição da realidade. Essa nos desafia a procurá-la. Representar, porém, decorre de um ato deliberado em busca do objeto desejado. E Silveira cita Peirce para concluir seu próprio pensamento neste trecho de sua obra:

“(...) Imaginamos casos, colocamos diagramas mentais diante dos olhos de nossa mente e multiplicamos aqueles casos, até que se forme um hábito de esperar que tenha lugar o caso que foi visto como sendo o resultado em todos os diagramas. Apelar para tal hábito é muito diferente do que apelar para qualquer instinto imediato da racionalidade(...) um hábito é involuntariamente formado a partir de diagramas, cujo processo, quando aprovado deliberadamente, torna-se um raciocínio indutivo” (CP 2.170). A independência dos fatos face à razão exclui qualquer forma de determinismo na ordem do pensamento, mas confere a esse último propósito uma transcendente razão de ser transformando um mero jogo de forças brutas num lugar de experiências e de crescimento.

Ainda de acordo com Silveira, acima citado, e a ele dando continuidade, conferindo ao ser inteligente e criativo um lugar no universo fenomenológico dentro do qual ele está inserido como parte deste universo, universo este que por sua vez é inteligente e criativo, e assim sucessivamente, no continuum evolucionário que depende da mudança daqueles hábitos que já não mais são pertinentes à harmonia procurada pelo universo e à sua evolução.

Ana Maria Guimarães Jorge (2006), Topologia da ação mental, segundo Peirce, fala-nos que o diagrama dá vazão a um processo de raciocínio estimulado por quaisquer tipos de experimentos realizados no ato de introversão, de caráter heurístico e relacional, exigido sempre que se recorra à observação de qualquer dado, ou fenômeno, na esfera da imaginação, tornando possível ao homem que se aponte o conhecimento de seu mundo interno pelo modo como se reflete em fatos externos.

Como vimos, a lógica ou semiótica e o pragmaticismo de Peirce, não afeitas a dicotomias, possibilita-nos entender sobre um fluxo contínuo presente entre mente e matéria, entre pensamento e ação, entre geral e particular, individual e universal, através do contínuo entre as três categorias, o que para a reflexão nesta comunicação proposta e agora findando, é fundamental.

Notas

1 Utilizamos da tradução de Maria de Lourdes Cardeal (1996). Hábito: um texto de Charles Sanders Peirce. DM. Orientação do Prof. Dr. Carlos Arthur do Nascimento. PosFil. PUC/SP.

Bibliografia:

BACHA, Maria de Lourdes. **A Indução de Aristóteles a Peirce**. São Paulo: Legnar Informática & Editora, 2002.

DIB, Maria Augusta Nogueira Machado. **Peirce, um filósofo lógico metafísico**. Comunicação na 8ª Jornada do Centro de Estudos Peirceanos. PUC/SP. 2005.

A Agathotopia de Peirce. Comunicação na 10ª Jornada do Centro de Estudos Peirceanos. PUC/SP. 2007.

IBRI, Ivo Assad. **Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles Sanders Peirce**. São Paulo: Perspectiva: Hólón, 1992. – (Coleção estudos; v.130)

O Amor Criativo como Princípio Heurístico na Filosofia de Peirce. Cognitio. Revista de Filosofia. Volume 6. Nº 2. Julho/Dezembro 2005.

JORGE, Ana Maria Guimarães. **Topologia da ação mental: introdução à teoria da mente**. São Paulo: Annablume, 2006.

KEVELSON, Roberta. **Peirce's Pragmatism: the Medium as Method**. New York: Peter Lang, 1998. Resenha feita por Maria Lourdes Bacha.

KNELLER, George F. **Arte e ciência da criatividade**. São Paulo, Ibrasa, 1978.

OSBORN, Alex. **O poder criador da mente.** Trad. E. J. Monteiro. São Paulo: Ibrasa, 1972.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce.** Vols. 1-6, Ed. By Charles Hartshorne and Paul Weiss. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1931-35. Vols. 7-8, Ed. by Arthur Burks. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1958.

SANMARTIN, Stela Maris. **Arqueologia da Criação Artística.** Vestígios de uma gênese: o trabalho artístico em seu movimento. Dissertação (mestrado) Campinas, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, 2004.

_____. **A Criatividade e a Criação em Arte.** Master Internacional de Criatividade Aplicada Total. Santiago de Compostela, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **A Teoria Geral dos Signos: semiótica e autogeração.** São Paulo: Editora Ática S. A., 1995.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. **Curso de Semiótica Geral.** São Paulo: Editora Quartier Latin do Brasil, 2007.

Stela Maris Sanmartin

Docente na FACOM-FAAP e doutoranda na FEUSP. Atua na área da educação e criação em arte desde 1987. É graduada em Artes, Master em Criatividade pela Universidade de Santiago de Compostela e Mestre em Artes pela UNICAMP.

Maria Augusta Nogueira Machado Dib

Graduada em Psicologia, especializada em Psicanálise, mestra em Comunicação e Semiótica, doutora em Filosofia e Terapeuta.